

## AIDS, CARTOGRAFIA E JOGOS DE LINGUAGEM: PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE EM REDE

Renan da Ponte Castelo Branco<sup>1</sup> (UECE)  
renandaponte@gmail.com

### Resumo

Diante das expressivas mudanças por que a realidade social do HIV/AIDS atravessou nos últimos tempos – vinculadas, sobretudo, à possibilidade de alargamento da sobrevida ocasionada pela acessibilidade ao tratamento antirretroviral nos anos 90 –, cabe investigar o percurso de *sobrevivência* (BIEHL, 2007) das atuais *soropositividades* no presente contexto da epidemia. Para a realização dessa tarefa, proponho, no presente artigo, uma discussão em torno do método cartográfico formulado por Deleuze e Guattari (1995) como uma vereda metodológica possível para o acompanhamento dos processos de produção de subjetividade na Rede Nacional de Pessoas Vivendo com HIV/AIDS (RNP-CE). Debato, num primeiro momento, a emergência da cartografia na obra dos filósofos franceses com o conceito de *rizoma* – proposta de um modelo acentrado, não hierárquico e assignificante que se opõe a um modelo *arborescente*, caracterizado pela representatividade, pela identidade e pela decalcomania. O rizoma apresenta como um de seus princípios a cartografia (KASTRUP et. al., 2010): método que não visa a uma representação fidedigna do “objeto”, mas a um acompanhamento da produção das subjetividades, partindo do entendimento de que esta não é um *a priori* ou um dado a ser coletado; do contrário, ela se constitui como um processo em variação contínua, podendo ser modelada, fabricada e agenciada (GUATTARI e ROLNIK, 1995). Em seguida, discuto a cartografia enquanto método de pesquisa-intervenção (BARROS e PASSOS, 2010) a partir de noções como “campo de intervenção” e “transdução”, de Lourau; “individualização” e “pré-individual”, de Simondon; e “transversalidade”, de Guattari. Esses conceitos põem em evidência o caráter interventivo – e, portanto, político – da pesquisa, problematizando axiomas positivistas de muita tradição como os ideais de “objetividade” e “neutralidade”. Assim, tendo esses pressupostos como esteio, reflito o conceito de *jogos de linguagem*, de Wittgenstein (OLIVEIRA, 1996), como uma mirada rizomática do fenômeno linguístico, uma vez que, rompendo com uma tradição representativista, potencializa a dimensão eminentemente pragmática da linguagem. Por último, a partir de uma reflexão sobre meu diário de campo, analiso a força dos jogos de linguagem nas interações desse “grupo-sujeito”. Essa discussão possibilitou, então, como resultados, uma base teórico-metodológica para o acompanhamento das subjetivações da RNP, tomando como vetor de referência seus múltiplos jogos de linguagem; assim como a problematização da noção de *rede* como oportuna metáfora dos agenciamentos coletivos empreendidos pelos sujeitos da instituição.

**Palavras-chave:** HIV/AIDS. Cartografia. Jogos de Linguagem. Pragmática.

---

<sup>1</sup> Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (POSLA); bolsista CAPES.

Nesse trabalho, desdobramento do projeto de pesquisa “*Soropositividades: renarrativas do viver com HIV/AIDS pela comunidade LGBTTT*”, apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (POSLA) da Universidade Estadual do Ceará (UECE), em 2013.2, intento apresentar o método cartográfico (DELEUZE e GUATTARI, 1995) como um caminho metodológico possível para o acompanhamento dos processos de produção de subjetividade na RNP-CE<sup>2</sup>. Na esteira desse método, tomando como vetor de referência, na experiência de campo, a linguagem nos movimentos de subjetivação, faz-se necessário analisar os jogos de linguagem implicados na própria complexidade das múltiplas *formas de vida* – no sentido wittgensteiniano da expressão – presentes nessa instituição. Dito de outro modo: a hipótese central perseguida aqui é de que a diversidade de (produções de) subjetividade está em estreita correlação com os diferentes jogos de linguagem referentes à plethora de *soropositividades* da RNP.

No rastro dessa suposição, dedico o primeiro segmento do artigo à discussão da emergência do método cartográfico a partir do conceito de *rizoma* dos filósofos Gilles Deleuze e Félix Guattari. Em seguida, debato, a partir da pista *A cartografia como método de pesquisa-intervenção* (BARROS e PASSOS, 2010), presente no livro *Pistas do método da cartografia*, o caráter processual e interventivo da pesquisa cartográfica que, à diferença de outros métodos mais tradicionais de pesquisa qualitativa nas ciências sociais, não visa a uma representação do “objeto”, mas ao acompanhamento dos processos de produção da subjetividade. Esta, por sua vez, não é da ordem da representação, da ideologia; não é “algo do domínio de uma suposta natureza humana” (GUATTARI e ROLNIK, 1995, p.25); contrariamente, seu percurso está mais próximo aos processos de produção fabril, à modelação, à produtividade, à diferenciação: aos devires. Está, por assim dizer, sempre “sujeita” a territorializações e desterritorializações.

Prefigurando a linguagem como processo cujo funcionamento é análogo ao modelo rizomático (DELEUZE e GUATTARI, 1995a), dedico o segundo momento à reflexão do conceito de *jogos de linguagem*, de Ludwig Wittgenstein. Oriundo de uma revisão crítica realizada pelo filósofo austríaco em relação ao seu antigo entendimento da linguagem como “um instrumento de divulgação do conhecimento do mundo” (OLIVEIRA, 1996, p.127) cuja função é *essencialmente* designatória, ela (a linguagem) torna a ser encarada, nessa reconfiguração, como um elemento intrínseco à totalidade da vida humana ou, melhor dito, uma “forma de vida” do homem (p.132). Nesse sentido, a significação de uma palavra é o seu próprio *uso* na linguagem (*meaning is use*): a Pragmática se constitui, então, como a via exclusiva de acesso à Semântica.

Na “empreitada” cartográfica desenhada por este trabalho, é de grande importância o acompanhamento do percurso dos vetores de linguagem nos processos de subjetivação dos indivíduos da RNP. A fim de demonstrar o modo como esse trabalho vem sendo, ainda em estágio inicial, realizado, dedico a terceira parte a uma análise do meu percurso como (aprendiz de) cartógrafo nessa instituição, focando na reflexão sobre a “rede” enquanto metáfora de individuação coletiva, assim como na ressignificação do “contágio” enquanto forma de sociabilidade num campo de implicações (BARROS e PASSOS, 2010).

---

<sup>2</sup> Localizada na Rua Dom Lino, 1001 – Parquelândia – Cep: 60.450-280 – Fortaleza, Ceará, Brasil – Fone/fax: (85) 3283 6724 – E-mail: [rnpceara@yahoo.com.br](mailto:rnpceara@yahoo.com.br) – Site: [www.rnpvha.org.br](http://www.rnpvha.org.br)

## 1. A vereda cartográfica: fazendo rizoma

Na introdução do livro *Mil Platôs* vol. 1, Gilles Deleuze e Felix Guattari definem o projeto de sua escrita em dois conceitos: texto-agenciamento e livro-multiplicidade feito de diferentes datas e velocidades. Fazendo isso, os dois filósofos procuram dissociar sua prática filosófica do modelo clássico do “livro-raiz”, “livro que se estrutura como se fizesse o decalque do que quer tratar; que se aprofunda para desvelar a essência do que investiga; que trata da realidade de “seu objeto” como se só pudesse representá-la” (KASTRUP et al., 2010, p.9). Este modelo de escrita representacional apresenta como via antitética o rizoma, sistema a-centrado, não hierárquico e assignificante<sup>3</sup>, mais próximo à real vida das multiplicidades:

Oposto à árvore, o rizoma não é objeto de reprodução: nem reprodução externa como árvore-imagem, nem reprodução interna como estrutura-árvore. O rizoma é uma antigenealogia. É uma memória curta ou uma antimemória. O rizoma procede por variação, expansão, conquista, captura, picada. Oposto ao grafismo, ao desenho ou à fotografia, oposto aos decalques, o rizoma se refere a um mapa que deve ser produzido, construído, sempre desmontável, conectável, reversível, modificável, com múltiplas entradas e saídas, com suas linhas de fuga. (DELEUZE e GUATTARI, 1995a, p.43)

O rizoma é feito de platôs. Platô é “uma região contínua de intensidades, vibrando sobre ela mesma, e que se desenvolve evitando toda orientação sobre um ponto culminante ou em direção a uma finalidade exterior” (p.44). Não se refere a um exterior ou a um “fora” transcendental, mas a um *plano de consistência* relativo a todas as multiplicidades. Uma vez que possui natureza nômade, o rizoma é afeito a desterritorializações, a produção de suas próprias linhas de fuga. Entretanto, porque “grupos e indivíduos contêm microfascismos sempre à espera de cristalização” (p.26), o desterritorializado está eventualmente sujeito à reestratificação, ao domínio do signifiante-General.

Apontando a tendência arborificante, diversa ao rizoma, familiar a áreas do saber como a linguística ou a psicanálise, os dois autores, em dado momento do texto “Rizoma”, estabelecem, em detalhes, diferenças profundas entre a *decalcomania*, identificada aos sistemas verticais de representação, e o *mapa*, instrumento intrínseco à produção rizomática, indefectível à metodologia cartográfica:

Um mapa é uma questão de performance, enquanto que o decalque remete sempre a uma presumida “competência”. Ao contrário da psicanálise, da competência psicanalítica, que achata desejo e enunciado sobre um eixo genético ou uma estrutura sobrecodificante e que produz ao infinito monótonos decalques dos estágios sobre este eixo ou dos constituintes dessa estrutura, a esquizoanálise recusa toda ideia de fatalidade decalcada, seja qual for o nome que se lhe dê [...] (DELEUZE e GUATTARI, 1995a, p.30-31)

---

<sup>3</sup> No sentido de uma ruptura assignificante (p.25) como uma forma de imprimir uma linha de fuga distante das lógicas binárias, dos territórios sistemáticos, do império do signifiante. Aproxima-se do procedimento de “suspensão da soberania do signifiante” de que fala M. Foucault (2012), quando se refere à necessidade de intervenção sobre as ordens do discurso, constrangidas, sobretudo, por múltiplas formas de coerção.

Cartografar, pois, tem estreito vínculo com acompanhar processos; não com representar, à maneira de mimese, “objetos” do mundo. Cientes dessa realidade e insatisfeitos com os tradicionais métodos da pesquisa qualitativa<sup>4</sup>, pesquisadores de várias universidades se reuniram para pensar “pistas” de trabalho a partir do método da cartografia. Pela própria natureza deliberadamente assistemática (ou rizomática) da escrita de Deleuze e Guattari, tornar-se-ia contrassensual buscar uma operacionalização ou gramaticalização dos seus conceitos, tão sísmicos quanto os próprios movimentos de desterritorialização do mundo social. O conceito, para os autores, é sempre um emaranhado múltiplo composto por outros conceitos, e surge quando o pensamento em sua potência criativa é instado a agir “quando forças do ambiente em que vivemos e que são a própria consistência de nossa subjetividade, formam novas combinações, promovendo diferenças de estado sensível em relação aos estados que conhecíamos e nos quais nos situávamos” (ROLNIK, 1996, p.1).

Seguir a pragmática errática do rizoma, sem evidentemente largar mão do rigor da pesquisa, é incompatível com cumprir uma metodologia a partir de regras pré-determinadas. É nesse sentido que os autores de *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade* propõem uma reversão que “consiste numa aposta na experimentação do pensamento – um método não para ser aplicado, mas para ser experimentado e assumido como atitude” (KASTRUP et al., 2010, p.11). Não mais um *metá-hódos*, mas um *hódos-metá*. O conhecer inseparável do fazer; o pesquisar do intervir.

### **1.1. Pesquisa-intervenção: a contribuição de Lourau, Simondon e Guattari**

Se a subjetividade<sup>5</sup> é um processo em variação contínua, como lançar mão de um método que, em vez de projetar representá-la, acompanhe suas veredas e itinerários? É possível entender o campo como lugar de intervenção? O conhecimento como instância inextricável do político e como forma ativa de transformação do social?

É no sentido de um abraço anuente a esses questionamentos que pesquisadores do movimento institucionalista francês – como René Lourau e Félix Guattari - acentuam a dimensão política da pesquisa e o primado da experiência valendo-se da crença de que “se trata de transformar para conhecer e não de conhecer para transformar a realidade” (BARROS e PASSOS, 2010, p.18). A pista “A cartografia como método de pesquisa-intervenção” elenca alguns pontos de contato entre a visão epistêmico-metodológica desses autores e o método cartográfico.

---

<sup>4</sup> “Como encontrar um método de investigação que esteja em sintonia com o caráter processual da investigação? No que concerne à chamada coleta de dados, tal dificuldade é muitas vezes contornada pelo apelo à noção de observação participante e às entrevistas semiestruturadas. Embora em certa medida conveniente, o vocabulário importado da pesquisa etnográfica e das pesquisas qualitativas em psicologia e nas ciências humanas em geral parece, todavia, muito genérico e longe de ser satisfatório.” (KASTRUP et al., 2010, p.9)

<sup>5</sup> “O sujeito, segundo toda uma tradição da filosofia e das ciências humanas, é algo que encontramos como um “*être-là*”, algo do domínio de uma suposta natureza humana. Proponho, ao contrário, a ideia de uma subjetividade de natureza industrial, maquínica, ou seja, essencialmente fabricada, modelada, recebida consumida. As máquinas de produção da subjetividade variam. Em sistemas tradicionais, por exemplo, a subjetividade é fabricada por máquinas mais territorializadas, na escala de uma etnia, de uma corporação profissional, de uma casta. Já no sistema capitalístico, a produção é industrial e se dá em escala internacional.” (GUATTARI e ROLNIK, 1995, p.25)

Lourau vê como inseparáveis o campo de análise e o campo de intervenção. Para ele, a análise modifica o campo na medida em que “se faz sem distanciamento, já que está mergulhada na experiência coletiva em que tudo e todos estão implicados” (p.19). Com essa assertiva, torna-se possível o questionamento sobre o estatuto da ciência moderna positivista que preconiza objetividade, neutralidade e imparcialidade na construção do conhecimento. “Todo conhecimento se produz em um campo de implicações cruzadas, estando necessariamente determinado neste jogo de forças: valores, interesses, expectativas, compromissos, desejos, crenças etc.” (idem).

É no encaixe dessas *forças* atuantes sobre um campo implicacional que se situa o *métier* cartográfico: na quebra das *formas* instituídas, apontando seus processos e sua energia potencial. Os enigmas, problemas, interrogações, bifurcações, estranhamentos, o sentido e o não-sentido, em suma “atravessamentos” ou “pontas de presente” (KASTRUP, 2012), passam a ser, nessa perspectiva, considerados de maior relevância que tudo o que apresenta a forma totalitária de uma identidade. Seguindo o caráter antigenealógico do rizoma, importa muito mais a esse método trilhar a “zona de adjacência” da própria forma que investigar os seus processos históricos.

Interessa a Lourau exatamente essa dinâmica que podemos chamar instituinte. Todo trabalho de intervenção na socioanálise visa essa dimensão inconsciente das instituições de tal maneira que podemos afirmar, no plano da experiência, uma inseparabilidade entre análise das implicações e intervenção. Intervir, então, é fazer esse mergulho no plano implicacional em que as posições de quem conhece e do que é conhecido, de quem analisa e do que é analisado se dissolvem na dinâmica de propagação das forças instituintes característica dos processos de institucionalização. (BARROS e PASSOS, 2007, p.25)

O filósofo Gilbert Simondon exerce forte influxo sobre a visão intervencionista do campo em Lourau. Na contramão de um entendimento do indivíduo como forma identitária que comporta um *princípio*, este autor afirma uma individuação<sup>6</sup> relativa e parcial. Ora, isso implica dizer que agregada ao indivíduo existe uma realidade pré-individual: presença de um devir que afirma uma eterna “defasagem” do ser (p. 23). A essa característica da individuação, Simondon chama *metaestabilidade*: o contrário do equilíbrio – “que é o mais baixo nível de energia potencial” (idem) - uma vez que aquela atesta o devir em seu contínuo processo de transformação. A individuação, dessa forma, posto que não aporta numa resolução de si, resvala numa individuação do coletivo, gera um ser que é “unidade coletiva”.

Nesse caminho, o campo implicacional é visto por Lourau como *dinâmica de transdução*, conceito de que também toma emprestado a Simondon.

A transdução é a operação física, biológica, mental ou social pela qual uma atividade se propaga de parte em parte, estruturando um domínio. A partir de um sistema em rede amplificante, um gérmen se propaga em várias direções, de tal maneira que cada camada constituída serve de base estruturante a uma camada em formação. (p.24)

---

<sup>6</sup> “O indivíduo é, então, uma fase do ser que supõe uma realidade pré-individual que o acompanha. O indivíduo, mesmo após a individuação, não existe só, já que seu processo de individuação não esgota os potenciais da realidade pré-individual, assim como a individuação não faz aparecer como seu efeito somente o indivíduo, mas um par indivíduo-meio.” (p.22)

A transdução, então, pode ser encarada como uma forma de contágio ou contaminação a desierarquizar posições hegemônicas como, por exemplo, a do pesquisador sobre o pesquisado. É nesse sentido que o conceito de *transversalidade* formulado por Félix Guattari também se encontra. Analisar é desestabilizar formas solidificadas que se apresentam como unidade: “o instituído, o indivíduo, o social”. Transversalizar, então, passa a ser intervir clinicamente sobre os processos de subjetivação (expressos por meio das “pontas de presente”): não só os que se dão na perspectiva analista-analisando, mas, também, “aqueles que se passam na relação entre a clínica e o não clínico: a clínica e a política, a clínica e a arte, a clínica e a filosofia etc” (27). O clínico é, portanto, uma célula potencializadora dos devires coletivos do “grupo sujeito”.

É na direção dessa dinâmica clínico-política que se situa o método cartográfico. O aumento do coeficiente de transversalidade implica num recrudescimento das redes de comunicação fora dos seus eixos hegemônicos: o vertical – que se estrutura hierarquicamente – e o horizontal – que nivela todas as diferenças de maneira corporativa. Alternativamente a esse tradicional modo de organização cujo funcionamento opera no sentido de antagonizar variáveis maiores (homem, adulto, heterossexual, branco, rico) a variáveis menores (mulher, criança, homossexual, negro, pobre), Guattari propõe um modelo de *caotização* (p.29). Nele, em vez de oposição de diferenças ou *rebatimento*, opera um fluxo em que “as variáveis menores se tornam o meio (o *medium*) de um devir minoritário dotado de potência heterogenética ou de diferenciação (o que Simondon designou de energia potencial)” (idem).

O rebatimento e a caotização guardam em comum o fato de agirem através de redes de comunicação. Todavia, ressalta o filósofo institucionalista, coexistem nos grupos *redes frias* e *redes quentes*. Apenas nos momentos quentes das redes – “quando o sistema de rebatimento se desarranja, permitindo devires minoritários através de variáveis menores” (p.30) – é concebível se pensar numa agenda interventiva de pesquisa, haja vista o fato de que, nessa articulação do plano comunicativo, as hierarquizações e homogeneizações são relativizadas, de modo a possibilitar, assim, a própria realização do trabalho cartográfico.

## 2. Jogos de linguagem: uma mirada rizomática do fenômeno linguístico?

“A linguagem é um mapa e não um decalque”. Com essa afirmação, G. Deleuze e F. Guattari (1995b, p.14) criam um fecundo ponto de contato com a segunda imagem da linguagem desenvolvida por Ludwig Wittgenstein<sup>7</sup> - concebida em parte como crítica ao logicismo exacerbado da sua obra *Tractatus Logico-Philosophicus* – presente no seu livro *Investigações filosóficas*.

Prescindindo de uma visão estritamente designativa da linguagem – cujo pressuposto fundamental está embasado numa postulação de isomorfia entre um mundo ontologicamente delimitado e a linguagem, tendo esta última a função de representar fidedignamente aquele ou de incorporar a essência relativa a toda uma ordem de coisas no mundo – para o segundo Wittgenstein, esta é considerada uma *forma de vida* humana.

---

<sup>7</sup> Tal mudança de orientação do pensamento justifica a consideração de alguns críticos da filosofia, como Wolfgang Stegmüller, de que há um primeiro e um segundo Wittgenstein. Enquanto aquele ainda está vinculado a uma concepção tradicionalista da linguagem – considerando-a a partir do seu nivelamento com o mundo -, o último visualiza o fenômeno da significação não apenas como algo da instância do linguístico, mas também do social, em sua heterogênea e frutífera complexidade.

O que caracterizava essa nova orientação é que para ele, agora, a *linguagem é uma atividade humana* como andar, passear, colher etc. Há aqui uma íntima relação, se não identidade, entre *linguagem* e *ação*, de tal modo que a linguagem é considerada uma espécie de ação, de modo que não se pode separar pura e simplesmente a consideração da linguagem da consideração do agir humano ou a consideração do agir não pode mais ignorar a linguagem. Essa atividade se realiza sempre em contextos de ação bem diversos e só pode ser compreendida justamente a partir do horizonte contextual em que está inserida. Esses contextos de ação são chamados por Wittgenstein de “formas de vida”, e a linguagem para ele é sempre uma parte, um constitutivo de determinada forma de vida, e sua função, por isso, é sempre relativa à forma de vida determinada, à qual está integrada; ela é uma maneira segundo a qual os homens interagem, ela é a expressão da práxis comunicativa interpessoal. Tantas são as formas de vida existentes, tantos são os contextos praxeológicos, tantos são os modos de usos da linguagem, ou, como Wittgenstein se expressa, tantos são os “jogos de linguagem”. (OLIVEIRA, 1996, p.138)

Em vista das múltiplas possibilidades de manuseio da linguagem, a função designativa torna a ser encarada como apenas uma das funções inerentes à atividade languageira. Diferentemente da tradição filosófica que a conferiu primazia, na *reviravolta pragmática*, o que é colocado em projeção é o caráter de ação deflagrado pela prática da linguagem, não viabilizada através do esforço de uma mente individual – como entendeu toda uma tradição *solipsista* do pensamento – mas através da práxis coletiva de um corpo social. Com isso, Wittgenstein aponta para a dimensão linguística do conhecimento, uma vez que a linguagem é a própria condição de possibilidade deste, afirmando, assim, a *transcendentalidade da linguagem humana*: “não existe um mundo em si independente da linguagem, que deveria ser copiado por ela. Só temos o mundo na linguagem; nunca temos o mundo em si, imediatamente, sempre *por meio da linguagem*” (p.127).

Com essa rearticulação intelectual, o filósofo austríaco rompe com uma dualidade epistemológica de muita monta na tradição filosófica ocidental, aquela que promove uma separação entre corpo e espírito. A linguagem, nesses termos, é visualizada a partir da junção de um ato espiritual (um *ter-em-mente*) com um corporal (a realidade física da produção de sons) e, somente com a transformação substancial daquele, a significação é materializada. Essa divisão acaba por resvalar noutro dualismo, de caráter antropológico, separando indivíduo e sociedade: nessa visão tradicional, o primeiro é visualizado a partir de uma mirada individualista da consciência, como *mônada isolada* (p.134), sendo somado a uma série de outras mônadas que compõem a sociedade. O ato de significação dependeria, então, da própria intenção, interna e espiritual do indivíduo.

Numa via contrária, Wittgenstein destaca a pragmática como vereda primordial de acesso à semântica. Isso implica dizer que não é possível estabelecer *a priori* o significado global de uma palavra, tendo em vista a natureza específica que ela pode assumir de acordo com o jogo de linguagem no qual está situada. Significar, assim, está em fina relação com “saber as regras”, com um “adestramento” relativo a um *processo de comunicação normado* (p.145) e com uma “gramática profunda” do próprio *game* simbólico.

A noção de jogo de linguagem traz à baila um entendimento rizomático do fenômeno linguístico visto que relativiza a força do significado transcendental da palavra, expandindo, dessa forma, o horizonte dos sentidos através do reconhecimento da (co)existência de uma miríade de formas de vida. Desestabiliza o que se pretende uno, o que reivindica para si uma existência identitária. Evidencia a vaguidade e a imprecisão a que está sujeito todo o processo discursivo.

Dessa forma, se um filósofo intenta compreender o fenômeno da linguagem, em vez de buscar “desvelar” a forma ou de lançar-se no projeto de uma língua perfeita – tarefa pretendida pelo Wittgenstein do *Tractatus*, no entanto parcialmente abandonada em *Investigações filosóficas* – ele precisa somente mirar o funcionamento ordinário da linguagem. O significado de uma palavra qualquer é o seu uso, e através deste o aprenderam os falantes de uma língua. É pensando assim que o filósofo austríaco apela para a *terapêutica* como o único método possível na filosofia: é preciso apenas *olhar*, não pensar (p.133).

Por tudo isso, a pragmática não deve ser pensada como pano de fundo da semântica, como assim procederam os linguistas da corrente gerativista, mas como uma política da língua (DELEUZE e GUATTARI, 1995b). Na medida em que faz emergir o social negligenciado por toda uma tradição hegemônica de pesquisa linguística densamente focada no indivíduo “de dentro para fora”, ela não é apenas uma perspectiva *da* linguística, mas uma perspectiva *sobre* a linguística (RAJAGOPALAN, 2010).

### 3. Um “grupo-sujeito”, múltiplas formas de vida e um novo “contágio”

Fui despertado pelo desejo de trabalhar com o tema do HIV/AIDS durante a leitura do ensaio *Aids e suas metáforas*, de Susan Sontag, em março de 2013. Um questionamento sobre como o mundo social contemporâneo agencia essa realidade historicamente atravessada por um pujante estigma, sofrido epidermicamente pelos que experienciam a própria sorologia positiva – pessoas deveras “impessoais” para mim, pois, até a realização desse trabalho, não conhecia ninguém que expusesse de modo aberto sua soropositividade – me apareceu. Veio, assim, o desejo de explorar esse campo. Soube da Rede Nacional de Pessoas Vivendo com HIV/AIDS (RNP+) após uma pesquisa no *Google*, e então entrei em contato com a instituição. A partir do mês de abril do mesmo ano, participei de algumas reuniões voltadas para os jovens<sup>8</sup>, iniciando, alguns meses depois, a escrita do pré-projeto de mestrado “*Soropositividades: renarrativas do viver com HIV/AIDS pela comunidade LGBTTT*”.

O momento de entrada no campo apresenta grande importância na medida em que se constitui como singular ocasião em que o olhar ainda se encontra num estágio, por assim dizer, “virgem”. Uma nova paisagem se apresenta como um complexo de novas intensidades, sendo necessário desbravá-las lentamente, com “prudência para não afugentar os devires” (LINS, 2007). Pensando assim, Winkin (1998, p.132) sublinha o fazer etnográfico (ou, adaptado ao contexto metodológico desse trabalho, o *fazer cartográfico*) como:

---

<sup>8</sup> O que intitulo aqui como “diário de campo” refere-se à minha experiência de pré-campo na Rede Nacional de Pessoas Vivendo com HIV/AIDS. Nessas reuniões, sempre me apresento como pesquisador vinculado à Universidade Estadual do Ceará (UECE), solicitando, quando realizo esse tipo de registro, a solicitação de cada sujeito para gravar o áudio dos encontros. Caso alguém não concorde em ter sua voz registrada, sem hesitar, acato ao pedido, abdicando do gravador como expediente de trabalho.



ao mesmo tempo uma arte e uma disciplina científica, que consiste em primeiro lugar *saber ver*. É em seguida uma disciplina que exige *saber estar com*, com outros e consigo mesmo, quando você se encontra perante outras pessoas. Enfim, é uma arte que exige que se saiba retraduzir para um público terceiro (terceiro em relação àquele que você estudou) e portanto que se saiba *escrever*.

Meu primeiro contato com a RNP foi bastante intenso pelo impacto daquelas imagens e discursos tão absolutamente inéditos para mim. Tudo o que aconteceu no *círculo* de conversas daquele encontro chamou minha atenção: o modo introvertido de algumas pessoas tão silenciosas e de olhar tão profundo; os abraços tão fortes; os discursos de *resiliência*; a resignificação da *soropositividade*; a *fé como signo* tão reiteradamente evocado nos depoimentos; a diversidade de perfis sorológicos; a *metáfora da guerra* (SONTAG, 2007) como símbolo persistente na menção do “combate” à AIDS; a grande presença de jovens gays na Rede; a transformação da luta pela sobrevivência em luta política; a preocupação em revelar a soropositividade para os seres amados; a política de sigilo da instituição; as confissões; as angústias compartilhadas e os imprevisíveis sorrisos.

O círculo pode ser pensado, no contexto das reuniões, como estratégia de desenvolvimento de um modelo de horizontalidade<sup>9</sup> democrática, de modo a revogar possíveis hierarquias no grupo: como, por exemplo, entre os diretores – que, para ocuparem esses cargos, precisam ser HIV-positivos – e os demais membros da RNP. A própria “rede” se configura como uma metáfora cujos sentidos suscitam uma tessitura de poder em que todos estão em ampla conectividade, não havendo uma priorização com relação a determinados perfis, como ocorre em algumas ONGs que reivindicam direitos para “mulheres” ou “jovens” vivendo com HIV/AIDS. Tais organizações possuem incontestemente validade política, porém, a RNP, conforme frisam seus diretores, é justamente o espaço em que essa vasta gama de subjetividades pode interagir, articulando uma frente mais ampla na luta por direitos civis.

Essa rede heterogênea é urdida com a linha de vários *devires minoritários* que apresentam como elemento de intersecção, ou como base comum, o “ser soropositivo”. Para Deleuze e Guattari (1995b, p.56),

O problema não é nunca o de obter a maioria, mesmo instaurando uma nova constante. Não existe devir majoritário, maioria não é nunca um devir. Só existe devir minoritário. As mulheres, independentemente de seu número, são uma minoria, definível como estado ou subconjunto; mas só criam tornando possível um devir, do qual não são proprietárias, no qual elas mesmas têm que entrar, um devir-mulher que concerne a todos os homens, incluindo-se aí homens e mulheres.

O método cartográfico, como discutido na primeira seção, em sua dimensão clínico-política, pode, à maneira de intervenção, apontar essas diversas linhas de fuga existentes na complexidade das formas de vida que, em vez de produzirem identidades reificadas, engendram multiplicidades proliferadoras.

---

<sup>9</sup> O excerto dos dois filósofos, invariavelmente, conduz à seguinte reflexão: até em que medida essa política de homogeneização, cuja imagem mais representativa é a do círculo, não atuaria no sentido de estancar a produção de singularidades e a emergência de devires minoritários sob “o eixo horizontal que organiza os iguais de maneira corporativa” (BARRROS e PASSOS, 2010, p.28)?

A subjetividade, enquanto processo, se produz nas periferias das formas identitárias. Nesse sentido, por se situarem no contexto de uma instituição, as subjetividades da Rede se individualizam na direção do coletivo (como aponta Simondon). Por essa razão, é possível, conforme indica a pista *A cartografia como método de pesquisa-intervenção*, falar da RNP como um “grupo-sujeito”. Extraio do meu diário de campo<sup>10</sup> o exemplo da “dinâmica do espelho” como uma amostra da encarnação de um “pré-individual” – dimensão do indivíduo que contempla o devir como afirmação de uma processualidade – nas reuniões do grupo:

**22.04.2013** – Uma pesquisadora visitante da área de Enfermagem, oriunda da Universidade de Fortaleza (UNIFOR), acompanhada pelos alunos do seu grupo de estudos, propôs ao grupo a realização de uma dinâmica: seguindo a ordem do círculo, uma caixa com uma “imagem” dentro passaria de mão em mão. O segredo é que a presumível foto não passava de um espelho. Todavia, conforme a regra do jogo, para gerar uma ilusão de estar falando sobre outrem, deveríamos fazer referência à “imagem” por “ele” ou “ela”. Muitos, inclusive eu, demoraram a entender de que se tratava de um truque. Interessante notar como a maioria das respostas aludiu à grande dificuldade que “essa pessoa” enfrentou num determinado momento, mas sempre frisando o “hoje” como um momento em que “ela está melhor porque é batalhadora”, “é maravilhosa”, “acredita na vida”, “acredita na cura”, “é a cara da superação”. Mais de uma pessoa mencionou a descoberta da sorologia positiva como um *renascimento*. Uma resposta, porém, chamou minha atenção por se distinguir desse *ethos* otimista presente no discurso geral: um homem, que descobriu ser HIV-positivo há dois dias, mencionou ver na imagem uma pessoa preocupada, abatida, “em estado de choque”; contudo, talvez para amenizar o impacto triste de sua fala, afirmou que estar ali, na RNP, era já um passo direcionado à superação desse problema; uma forma de dizer que aquela dor era algo momentâneo. Uma senhora de cabelos brancos do círculo reforçou, falando diretamente a ele – quebrando, assim, a regra do jogo com o consentimento geral – que ele não se preocupasse, pois era *normal* sentir dor; “levava tempo até se acostumar com a nova vida”, mas que em algum momento “ele *se levantaria*”. Tudo era trabalho do tempo. Ele guardou aquilo como algo de que precisaria se lembrar insistentemente ao longo dos seus dias, quando os mórbidos pensamentos ameaçassem tomar o comando da sua cabeça. Tudo é passageiro. “*Com fé em Deus*”, disse-lhe outro senhor, “a dor passa”.

O exercício de deslocamento focal propiciado pelo uso da 3ª pessoa para fazer referência a si na brincadeira possibilita, como consequência, a produção de outra imagem possível da soropositividade para si e para o outro. O reflexo do homem que recém descobrira ter HIV no espelho projeta não só a soturnidade provocada por essa revelação no presente, mas a possibilidade de uma imagem futura mais otimista para si, o que lhe foi possivelmente proporcionado através dessa contemplação da coletividade, dessa projeção de “auto-resiliência” promovida pelo contato com outros que conseguem viver *com* – e não *apesar do* – HIV. Esse novo “contágio” proporcionado pela

---

<sup>10</sup> Relato escrito a partir da observação da reunião do dia 22 de abril de 2013. Aqui, opto por não utilizar sequer alguma consoante ou vocal para fazer referência aos sujeitos, tomando como critérios de identificação a faixa etária; o de tempo de convivência com o HIV/AIDS e o tempo de permanência na Rede.

experiência coletiva não é nada mais que o “campo de implicação” a que Lourau faz referência, ou a “dinâmica de transdução”, de Simondon, conceitos que influenciaram Guattari a produzir a noção de transversalidade (BARROS e PASSOS, 2010).

Pensar esse grupo-sujeito como *grupo-contágio* demanda o exame dos seus múltiplos jogos de linguagem e a compreensão do campo como espaço modulado por forças, e não por formas sólidas. Cada subjetividade (homens, mulheres, gays, heterossexuais, idosos, etc.) vinculada à Rede agencia de modo singular os sentidos do ato de fala “você tem HIV” ou “você tem AIDS” ouvido em algum momento da vida. Tal formulação se configura como uma transformação incorpórea performativa (DELEUZE e GUATTARI, 1995b) que interpela a um redimensionamento de si, tanto no que diz respeito às práticas relativas a um presente cotidiano<sup>11</sup>, quanto à própria relação do sujeito consigo, na imagem e nos projetos que cada um guarda para si. Ser contaminado por uma doença de significados sociais historicamente tão estigmatizados dramatiza, sobremaneira, esse processo, vivido, na maioria das vezes, como um *pathos* lentamente dissolvido. A existência de um grupo como a RNP se coloca, assim, como de importância estratégica, uma vez que propõe a operar uma ressignificação do HIV e da AIDS através de um novo “contágio”, apontando, desse modo, para a emergência de um devir minoritário a ser perseguido coletivamente. Operando em “rede”, os sujeitos criam novas estratégias de agência da soropositividade, como destaca Biehl (2007), nas quais a luta pela sobrevivência (a *política da sobrevivência*) está intimamente conectada à luta política.

### Considerações finais

A introdução do método cartográfico como vereda metodológica possível para o acompanhamento dos processos de subjetivação da Rede Nacional de Pessoas Vivendo com HIV/AIDS (RNP) foi o mais importante objetivo empreendido por esse artigo. Para compreendê-lo melhor, foi necessário, primeiramente, contextualizá-lo dentro do conceito de *rizoma* dos filósofos Deleuze e Guattari (1995a). O rizoma se configura como modelo de organização do mundo caracterizado pela ausência de hierarquias; pela negação da representação, da identidade e dos Significantes-generais, entendidos, nesse contexto, como formas totalitárias. Num vetor diferente daquele adotado pelo “sistema arborescente”, ele afirma a conexão, a heterogeneidade, a multiplicidade, a ruptura assignificante e a cartografia como princípios familiares ao seu *modus operandi*. Como extensão dessa discussão, parti, então, para a discussão da pista da cartografia como método de pesquisa-intervenção. Destaquei a importante contribuição de autores como Lourau e Simondon na constituição do conceito de transversalidade em Guattari, tão fundamental para encarar o campo como lugar de intervenção ao mesmo tempo clínica e política. Nessa sequência, prefigurando a linguagem como campo simbólico rizomático, estabeleci uma ponte entre o conceito dos filósofos franceses e a noção de jogos de linguagem empreendida por Wittgenstein, no contexto da reviravolta linguístico-pragmática. Por último, iniciei uma exposição sobre a minha experiência, ainda em estágio inicial, como pesquisador-interventor na RNP, dando ênfase à reflexão sobre a metáfora da *rede* como campo implicacional marcado pela ressignificação do “contágio”. Pretendo, nos trabalhos vindouros, intensificar essa discussão, privilegiando o foco nos atos de fala ilocucionários, situados

---

<sup>11</sup> Descobrir-se soropositivo implica, na maioria dos casos, num redisciplinamento da vida, através da adoção de novos hábitos e do contato com um novo mundo social que envolve a aproximação com instituições como postos de saúde, hospitais, redes de assistência; ou com profissionais como médicos, psicólogos, nutricionistas etc.

pelas diversas gramáticas dos jogos de linguagem presentes na Rede, como elementos produtores de subjetividade. Isto posto, cabe o questionamento: como realizar uma cartografia tomando esses itens como vetores de referência?

## **Referências**

BARROS, R.B. e PASSOS, E. e **A cartografia como método de pesquisa-intervenção**. In: *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2010

BIEHL, J.. **Will to live**. Princeton: Princeton University Press, 2007

DELEUZE, G e GUATTARI, F. **Mil Platôs. v.1: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Ed. 34 Letras, 1995a

\_\_\_\_\_. **Mil Platôs. v.2: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Ed. 34 Letras, 1995b

FOUCAULT, M. **A Ordem do Discurso** – Aula inaugural no College de France. Pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo. Ed. Loyola: 2012

GUATTARI, F e ROLNIK, S. **Micropolíticas: Cartografias do Desejo**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1995

KASTRUP et al. **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2010

KASTRUP, V. 2012. **A cartografia como método: pistas, práticas e experiências de pesquisa**.

LINS, D. **Por uma leitura rizomática**. In: **Ada Beatriz Gallichio Kroef; Simone Cristina Medeiros**. (Org.). *Conversações Internacionais Paisagem da Educação*. 1ed. Porto Alegre: Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre, 2007, v. 1, p. 105-126.

OLIVEIRA, M. A.. **A reviravolta linguístico-pragmática na filosofia contemporânea**. São Paulo: Loyola, 1996. 427p .

RAJAGOPALAN, K.. **Nova Pragmática: fases e feições de um fazer**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010

ROLNIK, S. **Ninguém é deleuziano**. O Povo, Fortaleza, p. 6 - 6, 18 nov. 1995

SONTAG, S. **Doença como metáfora, AIDS e suas metáforas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007

WINKIN, Y. **A Nova Comunicação: da teoria ao trabalho de campo**. São Paulo: ed. Papyrus, 1998